

FHC

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Escândalos em série preocupam FH

Mesmo reconhecendo que a confusão provocada pelas denúncias de compra de votos para a reeleição é de boa monta e difícil solução, a tendência no governo é acreditar que o presidente Fernando Henrique Cardoso salva-se de mais essa. Ou seja, daqui a pouco tudo cai no vazio, a CPI da Câmara não se instala e logo esse escândalo vai para o mesmo arquivo morto onde dormem tantos outros.

Uma certeza perigosa, porque essas coisas todo mundo sabe como são, uma hora pegam no tranco e ninguém controla mais nada. Apesar disso, pode ser que o governo tenha razão.

Mesmo que tudo dê certo agora há, no entanto, uma outra preocupação lateral com o futuro. Como não foi o primeiro, o Palácio do Planalto sabe também que não foi o último e espera para dentro de dois, no máximo três meses, o estouro de um novo escândalo sem que tenha a mais pálida idéia de qual ou quem será o alvo.

O governo sabe também que pode pouco ou quase nada contra isso. Resta a ele a inquietação baseada na impotência diante de denúncias que vêm e que vão sem resultados concretos. E, por essa avaliação, a falta de compromisso com as conseqüências acaba gerando uma sensação gelatinosa de impunidade geral.

Isso desgasta o governo? Ora viva, pelos menos nos bastidores já se abandona o ar *blasé*, se reconhece que desgasta, sim. E poderosamente. Só que o mesmo raciocínio aponta para a possibilidade de que o acúmulo de acusações não comprovadas acabe por desgastar o próprio instrumento da denúncia. Salutar e protetor da sociedade.

Mas igualmente exposto aos perigos da banalização.

Nesse ponto, citam-se alguns exemplos: houve tempo em que a licitação do projeto Sivam pareceu obra do anjo exterminador de governos. Baixada a poeira, surgem evidências de que havia interesses econômicos poderosos na inviabilização do acordo internacional para a compra de equipamentos para o Sivam. Ninguém falou mais no assunto, ficou tudo assim por isso mesmo.

Quando da intervenção no Banco Nacional, dizia-se que o dinheiro do Proer estava sendo usado para salvar a vida financeira da nora e do filho do presidente, ela da família Magalhães Pinto. Os dois tiveram os bens postos em indispo-

nibilidade, tempos depois o Proer deu muito mais dinheiro ao Bamerindus, houve reclamações esparsas, mas o efeito foi zilhões de vezes menor. O governo acha que é porque as pessoas entenderam direitinho o Proer. Mas não deveria abandonar a hipótese de que elas tenham é se cansado do assunto.

Assim foi com a pasta rosa do Banco Econômico — onde estariam listagens de políticos que receberam dinheiro para suas campanhas — e o mesmo aconteceu com o caso das gravações do embaixador Júlio César Gomes dos Santos.

Caíram esses assuntos num esquecimento tamanho que a gente já não sabe se minguaram por inconsistentes ou se houve investimento no providencial ostracismo. Qualquer que seja o motivo, o fato é que as coisas estão de um jeito que os escândalos se revezam de uma tal maneira que daqui a pouco poderemos organizá-los por horário. “Viu o das cinco, fulano?”, “Não, mas ouvi dizer que o das sete é imperdível.”

Que acontece isso mesmo, todo mundo concorda. Basta andar na rua para ver que as pessoas estão perplexas com a quantidade de lama contida nesse saco sem fundo. A maioria atribui bobamente a um suposto inferno astral que estaria vivendo o presidente da República.

A se acreditar no poder da conjunção dos planetas, já não seria nem mais um inferno astral, mas uma verdadeira conspiração dos astros, provavelmente todos malufistas ou petistas.

O caso não é esse. O problema é que o Brasil tem uma tal ordem de demanda ética reprimida e oferta de desonestidade acumulada (por vezes com a conivência de todos, que anos a fio acharam certas práticas meras regras do jogo) que uma hora isso tinha de explodir.

A questão é a administração da operação limpeza. Nem se pode partir do princípio de que os denunciadores são sempre bons e proprietários da verdade nua e crua nem é possível deixar que as coisas se percam pelos caminhos da impunidade. Ou bem a acusação era verdadeira — e alguém tem de responder por ela — ou tratava-se de uma leviandade.

E que não venham denunciadores e denunciados a localizar só na imprensa o centro do problema. A ela é reservada a tarefa de contar o que se passa, o que anda acontecendo, o que se diz e denuncia. Com responsabilidade, mas a que lhe cabe, que é a da informação documentada ou assumida e avalizada pelo acusador.

Da imprensa não se pode cobrar um trabalho que não é dela, não é seu papel substituir polícia, Justiça, Congresso, os poderes constituídos ou mesmo responder pela justiça de propósito dos que denunciam. Da mesma forma, a sociedade também deve ser madura para não se deixar indignar com a mesma intensidade com que se deixa relaxar assim que considera cansativo um tema.

Senão, a irracionalidade vai tomando conta do ambiente e um dia o Brasil satura-se de tanta denúncia, e daí para o descrédito generalizado dos escândalos é um passo. E daí voltamos todos ao velho tempo em que a leniência gerava a conivência, que sempre protegeu os mesmos.

Os escândalos se sucedem com tal velocidade que em breve poderemos organizá-los por horários